

“AS MENINAS” E “LUTAS DO CORAÇÃO”: RETRATOS DE MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA¹

Antonia Rosane Pereira Lima (UEFS)²

Resumo: O presente estudo tem como objetivo abordar a construção da tríade feminina em **As meninas** (1987), de Lygia Fagundes Telles, a partir da descrição das personalidades de Lorena, Lia e Ana Clara, em contraponto com a obra **Lutas do coração** (1999), de Inês Sabino, com as personagens Angelina, Matilde e Ofélia. Com base nessas duas obras, traça-se alguns paralelos em relação ao que as duas obras se assemelham ou se diferem. Para tanto, foram utilizados os estudos de Chora (2014), Oliveira (2009), Torres (2013) Xavier (2013), dentre outros, com a intenção de melhor abordar os textos literários.

Palavras-chave. Mulher; Personagens femininas; Lygia Fagundes Telles; Inês Sabino.

A contista e romancista Lygia Fagundes Telles, nascida em 1923 em São Paulo, considerada uma das maiores escritoras brasileiras, é integrante da Academia Brasileira de Letras (1985), ocupante da Cadeira nº 16, assim como da Academia Paulista de Letras (1982) e da Academia de Ciências de Lisboa (1987). Foi indicada, em 2016, para o Prêmio Nobel de Literatura, com 92 anos, tendo sido a primeira brasileira a receber tal indicação. Formou-se em Direito e também em Educação Física pela Universidade de São Paulo, porém com atuação principal na área literária. De acordo com Dina Teresa Chainho Chora (2014, p. 16-17):

Considerada uma das representantes do Pós-Modernismo brasileiro, ou melhor, da literatura posterior à Segunda Guerra Mundial, a sua obra reflete as mundividências do universo urbano do século XX, metonimizado no espaço brasileiro. A sua ficção, de feição intimista, penetra nos meandros da psicologia humana, nomeadamente feminina. Expondo os dramas do homem contemporâneo, mediante a construção de narrativas alicerçadas no elemento “personagem” – sustentáculo fundamental da sua escrita – os seus textos tematizam conflitos íntimos e familiares vividos, normalmente, no meio burguês, num tempo em que os fundamentos desta classe se desmoronam, efeito de uma conjuntura histórica em mutação acentuada de mentalidades e formas de vida. (CHORA, 2014, p. 16-17)

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Graduada em Letras (UNEB), Mestranda em Estudos Literários (UEFS). Contato: antoniarosane@hotmail.com.

Nesse sentido, percebe-se que a autora emprega maior atenção às personagens do que aos demais itens que compõem a narrativa, isto é, o cenário, o enredo, pois as ações ocupam segundo plano, interessando-lhe mais a subjetividade das personagens, seus dramas interiores e conflitos típicos da condição humana. As figuras femininas, sobretudo, possuem como pontos marcantes as problematizações de seu estar no mundo, resultantes das experiências e contatos com as outras pessoas. Elas estão em constante busca de si mesmas e os enredos pautam-se, na maioria das vezes, pela investigação psicológica em que lembranças e divagações se confundem com o presente narrativo, tornando o tempo cronológico bastante desordenado, o que, à primeira vista, pode deixar o leitor confuso. Tal recurso, aliado à mudança constante de plano e de sequências narrativas, bem como de narradores, funciona como se a autora pretendesse demonstrar o desarranjo que é o fluxo de consciência, como afirma Chora (2014).

Nesse sentido, como os pensamentos, lembranças e sensações são próprios da mente humana, sendo o foco de estudo do fluxo de consciência, a utilização dos monólogos interiores permite ao leitor maior conhecimento acerca das personagens. Nas obras de Lygia F. Telles, principalmente em **As meninas**, obra publicada em 1973, escolhida para compor este estudo, observa-se a presença desse recurso de forma alternada, quando, em meio à sequência dos fatos narrados no enredo, o narrador dá voz aos pensamentos das personagens, os quais vêm à tona de maneira que lembranças do passado confundem-se com pensamentos no presente. Na passagem que segue, Maximiliano Torres (2013) aborda essa característica contida nas obras da autora em estudo:

Com um universo ficcional marcadamente construído pela percepção feminina da realidade e por um desnudamento do mundo interior das personagens, Lygia Fagundes Telles aborda experiências afetivas e sentimentos experimentados, como o ódio, o ciúme, o amor, a solidão expressos, muitas vezes, pelo fluxo de consciência das protagonistas de seus contos e romances. (TORRES, 2013, p. 94)

Por conseguinte, o fluxo contínuo de pensamentos e sensações da mente humana foi definido por William James, na Psicologia, ao criar o termo *fluxo de consciência*, conforme afirma Ângela Francisca A. de Oliveira (2009), utilizado, posteriormente, pela teoria da literatura para se definir um tipo específico de ficção moderna que tentava

reproduzir esse processo da mente, o qual consiste na criação de um monólogo interior da personagem, delineando a obra através dos seus pensamentos, até que não seja mais possível distinguir os pensamentos daquilo que é ação e tempo passado, assim, presente e futuro se misturam.

Quanto ao enredo, em **As meninas** (1987)³ há a presença de três personagens femininas – Lia, Lorena e Ana Clara – que residem no Pensionato Nossa Senhora de Fátima, em São Paulo da década de 1970, para onde foram a fim de cursarem uma faculdade. Elas residem longe de suas famílias e possuem histórias de vida e modos de pensar e agir bastante diversos. A narrativa ocorre em primeira pessoa, predominantemente, tendo como narradoras, de forma alternada, as três jovens protagonistas, que traçam comentários examinativos constantemente sobre si e sobre as demais. O período histórico (contexto da ditadura militar no Brasil) exerce influência sobre a trajetória dessas meninas, mais especificamente de Lia, envolvida com causas políticas.

O fluxo de consciência está presente nas narrativas das três personagens de **As meninas**, possibilitando ao leitor “participar” dos conflitos envolvendo cada personagem. A primeira que surge no romance é Lorena Vaz Leme, a única bem estruturada financeiramente dentre as três. Sua família é abastada, porém com problemas, seu pai fora internado num sanatório, tendo falecido tempos depois. A mãe é uma senhora que não aceita envelhecer e recorre às plásticas a fim de parecer sempre jovem. Esta se envolveu com um homem bem mais novo que a extorquiu, abandonando-a posteriormente. Lorena é uma menina culta, que estuda Direito, gosta de ouvir música, tem mania por organização e limpeza e é uma espécie de anjo da guarda das outras duas personagens, pois empresta dinheiro e outros objetos pessoais, além de ajudá-las sempre que elas estão em situações complicadas. Possui um irmão diplomata, Remo, que sempre lhe manda lembrancinhas, que ela coleciona, dos lugares para onde viaja. Possuía outro irmão, Rômulo, que, segundo ela, foi morto com um tiro, disparado por Remo, durante uma brincadeira de criança, fato que desestruturou a todos da família.

Lorena é virgem e apaixonada por um médico casado, com cinco filhos e bem mais velho que ela, chamado Marcus Nemesius (ou M. N., como é tratado). Seus

³ Edição utilizada neste estudo.

pensamentos giram em torno, basicamente, dessa paixão aparentemente não correspondida, visto que ela espera um telefonema dele que nunca acontece, conforme se depreende do excerto a seguir: “Ai meu Pai. Por que M. N. não me telefona ao menos para dizer...”. (TELLES, 1987, p. 166). Lorena passa a maior parte do tempo divagando sobre a vida e, quase sempre, o assunto M. N. é lembrado, como no diálogo interior que segue:

... Queria ser uma santa. Pura como esse perfume de rosas que se enrola em mim e me dá sono, Astronauta também sentia sono quando eu acendia o incenso. E se espreguiçava como me espreguiço, foi com ele que aprendi a me espreguiçar. [...] Nas pausas das lições ficava me olhando, tão mais consciente do que eu na minha inconsciência, como é que eu podia saber? Ainda nem conhecia M. N., não ficava horas e horas minhocando como tenho minhocado, ai meu Pai. Só Jesus compreende e perdoa, só Ele que já curtiu como nós, Jesus, Jesus como eu te amo! (TELLES, 1987, p. 10-11, sic)

Desse modo, percebe-se que o fluxo de pensamentos da personagem retratada não segue, com linearidade, um mesmo assunto, mas vários e de maneira desordenada. Além disso, essa desordem se dá devido ao modo com um assunto desencadeia outro, como se estivessem ligados a uma teia, em que um fio (tema) está relacionado a outro.

A segunda personagem é Lia de Melo Schultz, filha de mãe baiana e pai alemão – este participou do nazismo, na Alemanha, mas fugiu para a Bahia quando percebeu que o movimento se tratava de algo ruim –, estuda Ciências Sociais (cujas matrículas estão trancadas devido às suas atividades políticas) e é envolvida com a militância contra a ditadura. Seu discurso é sempre engajado com algum assunto pertinente, como a verdadeira face da burguesia, as desigualdades sociais, principalmente a nordestina. **O capital**, de Karl Marx, sempre anda debaixo de seu braço, escondido para que ninguém soubesse que ele consistia em uma espécie de Bíblia que ela seguia. Ela também lia Simone de Beauvoir. Che Guevara é seu exemplo de militância política: “Quando tudo me parece perdido, quando nem Miguel consegue me levantar, penso em Che e me vem a certeza de que vou resistir” (TELLES, 1987, p. 99).

Lia, apesar de seu discurso engajado, de possuir metas objetivamente traçadas, em alguns aspectos ela não é convicta do que quer. Gostaria de ser escritora, mas, segundo Lorena, ela não possui nenhuma vocação para tal atividade, e Lia chega a rasgar o esboço de um livro que estava escrevendo. “Rasgou? Não tinha vocação, coitadinha.

Mas gostava tanto de escrever suas histórias naqueles cadernões de capa engordurada, para onde ia levava aqueles cadernos. Tão lúcida quando fala mas quando escreve fica tão sentimental, oh, a lua, o lago” (TELLES, 1987, p. 23). Além disso, outro assunto que norteia as conversas de Lia com Lorena diz respeito ao seu namorado Miguel, preso devido às atividades ilegais contra a ditadura. De acordo com Maximiliano Torres (2013, p. 102), Lia “é a única das três amigas que não está voltada simplesmente para a busca da felicidade pelo amor”. No trecho a seguir, suas divagações giram em torno do namorado, de sua gata e de sua vida.

A gata dorme entre dois canteiros de margaridas, a barrigona estalando ao sol. Vou ver ainda esses gatinhos? [...] Miguel não quer saber de filhos, pelo menos por enquanto. Concordei, é evidente, mas tenho às vezes tanta vontade de me deitar como essa gata plena até à saciedade [...]. A idéia de que não vou ver mais este jardim me dá uma certa tristeza. Ou daqui a pouco quando for agora de novo. Argélia! tenho vontade de gritar. (TELLES, 1987, p. 188)

Com a notícia da soltura de Miguel e de que ele teria que ir para a Argélia, Lia decide ir ao encontro dele, episódio que não se concretiza até o final do enredo, visto que a ênfase maior da narrativa de Lygia F. Telles, conforme dito anteriormente, é dada aos indivíduos e suas experiências conflitantes e não propriamente em suas ações.

A terceira figura feminina é Ana Clara Conceição ou Ana Turva, como as amigas costumam chamá-la. Tem esse apelido nada comum devido ao seu uso abusivo de drogas, que faz em companhia do seu amante Max, traficante e também usuário. “– Vai mal a Ana Turva. De manhã já está dopada. E faz dívidas feito doida, tem cobrador aos montes no portão. As freirinhas estão em pânico. E esse namorado dela, o traficante...” (TELLES, 1987, p. 23). Essa personagem é a que mais vivencia dramas existenciais, pois, oriunda de família pobre, vive a relembrar os percalços que passou durante a infância e adolescência com a mãe prostituta que se suicidou a fim de parar de sofrer, sem pai na certidão de nascimento e passando por dificuldades financeiras. Ela foi abusada sexualmente na infância e, segundo Maximiliano Torres (2013), esse fato pode ter sido o desencadeador de sua frigidez, visto que ela não tem interesse por sexo, mesmo tendo relações com seu parceiro. O uso das drogas também pode ser um motivo para esquecer tantas fatalidades ocorridas em sua vida, visto que pode representar uma fuga da realidade vivenciada.

De todas ela é a mais bonita, diz que é modelo, gosta de luxo, mas não possui dinheiro, o que a faz aumentar mais e mais suas dívidas. Diz que está noiva de um homem muito rico, mas para se casar com ele precisa ficar virgem, cirurgia para a qual contará com a ajuda de Lorena, que lhe emprestará o oriehnid (“dinheiro” de trás para a frente – Lorena gosta de pronunciar algumas palavras ao contrário para dar sorte, segundo ela). “Fico virgem pomba. Caso com o escamoso destranco a matrícula e faço meu curso. Brillhante. Nas férias viajo para comprar coisas ele já disse que adora viajar aquele. [...] Operação fácil Lorena me empresta. Vai comigo. Generosa a Lena. Então. Sempre me tira das trancadas” (TELLES, 1987, p. 40). Lorena também a acompanha em seus abortos, além de ajudá-la financeiramente.

Ana Clara era estudante de Psicologia, porém as dificuldades financeiras a fizeram desistir de seguir os estudos. Seus diálogos são sempre fragmentados, confusos, pois ela mistura memórias da infância com delírios constantes, provocados pelas drogas, e o futuro casamento com o noivo rico que irá lhe proporcionar a vida que ela sempre sonhou em ter. “Paro tudo quando bem entender. Vou ser capa de revista. Me casar com um milionário” (TELLES, 1987, p. 76, sic). Ela sempre afirma estar lúcida, embora suas palavras embaralhadas e seu aspecto físico denunciem o contrário, e afirma que pode parar de se drogar quando quiser, mentindo para os outros e para si mesma que não é dependente. As freiras do pensionato onde vive com as demais meninas a consideram um caso perdido. No trecho a seguir, Ana Clara segue pensando na vida entre um delírio e outro:

... Comecei chorando baixinho e agora estou aqui aos berros tenho ódio de chorar porque estraga a cara que tem que ficar em ordem apostei tudo nela está me ouvindo. Mas agora tenho que berrar tem vento mas grito mais alto do que ele ô!... Ôooooo!... Rolo nas nuvens e caio num fio dental que me apara na gangorra tem uma moça de porcelana branca na outra ponta eu subo e ela desce. Vestida de primavera em que jardim ela estava? [...] Felicidade é isso é se preparar calculando tudo ponto por ponto. Depois jogar no lixo as muletas todas. Boa essa palavra. Estruturar. (TELLES, 1987, p. 81)

Nesse excerto, nota-se a ausência de pontuação, fato característico em grande parte do texto, o que evidencia uma mistura de pensamentos e devaneios, como se a personagem estivesse a sonhar acordada. Além disso, como o tempo cronológico não é o mesmo ao longo da narrativa, o leitor se depara com ações no plano presente

misturadas com os pensamentos das personagens e suas lembranças de tempos passados, como abordam Teresinha Lima Pereira e Mônica Luiza Socio Fernandes (2013, p. 128): “Em termos de tempo, **As meninas** caracteriza-se por um processo oscilante que ora retarda, ora acelera a história e por um encadeamento de ações que se interrompem para que haja alguns *flash-backs*, algumas voltas por meio das quais se conhece a história das personagens”. Por conseguinte, é através das voltas ao passado que as personagens expõem seus dramas vividos desde a infância até a fase adulta.

As três meninas geralmente não se encontram simultaneamente, sendo Lorena o ponto central das reuniões e o seu quarto, por apresentar maior conforto, o cenário dos diálogos e dramas. Elas se reúnem todas apenas ao final da narrativa, quando Ana Clara morre de overdose, após ser recebida em estado deplorável por Lorena, que cuida dela e a põe para dormir. A fim de não tornar o evento um escândalo para o pensionato, elas decidem abandonar o corpo numa pracinha da cidade, mas antes Lorena decide deixá-la bastante bonita e arrumada, digna da imagem que Ana Clara sempre quis passar.

Partindo dessa construção romanesca em torno de três figuras femininas, pode-se traçar algumas comparações em relação à obra **As meninas** (1987), de Lygia F. Telles com o romance **Lutas do coração** (1898)⁴, da escritora Inês Sabino. Neste, há também a presença de três personagens femininas que roubam a cena ao longo de todo o enredo, são elas: Angelina, Matilde e Ofélia. Ao contrário do romance de Lygia em que se tem o Pensionato Nossa Senhora de Fátima como o elo entre três amigas, no romance de Inês Sabino é uma figura masculina, Hermano Guimarães, o responsável pela ligação entre as mulheres centrais da trama, as quais se apaixonam por ele e a narrativa se desenvolve evidenciando as características de cada uma e os julgamentos de valor que Hermano constrói à medida que tem contato com elas.

Mais de setenta anos separam os romances de Lygia F. Telles e Inês Sabino. O que os aproxima é, além da tríade feminina, a própria abordagem da mulher e seus desdobramentos frente à sociedade e ao que elas esperam de si mesmas. Além disso, considerando o contexto histórico totalmente diverso, em **Lutas do coração** a abordagem do tema casamento é outro foco central, o que demonstra que esse assunto era uma das principais preocupações da sociedade do século XIX, sobretudo por parte das mulheres. Já em **As meninas**, cujo ano de publicação, 1973, está inserido em uma

⁴ Para este estudo é utilizada a edição de 1999.

década bastante importante para o movimento feminista, quando as reivindicações por melhores condições para as mulheres e direitos iguais em relação aos homens estavam efervescentes, é possível perceber que há fortes pensamentos engajados por essa busca de igualdade por parte das personagens, principalmente por parte de Lia, que tinha Simone de Beauvoir como uma de suas leituras principais. Por outro lado, nesse romance o tema casamento também surge constantemente entre os diálogos de Lorena e Ana Clara, mas nenhuma delas chega a concretizar o ato, pois os destinos das personagens ficam sem desfecho.

Em se tratando do romance **Lutas do coração**, quem apresenta as personagens é a figura do narrador, ao contrário de **As meninas** em que são elas próprias as narradoras dos fatos e se apresentam ao leitor. Inês Sabino faz uso da caracterização psicológica de Angelina, Matilde e Ofélia, a partir do narrador, tendo como um dos focos o estudo dos comportamentos das mulheres numa época marcada pela normatização da conduta feminina (final da segunda metade do século XIX). A personagem masculina presente no romance é Hermano Guimarães, engenheiro civil que retorna da Europa, onde passou mais de vinte anos.

Angelina é a prima de Hermano, filha única do barão de Santa Júlia (algumas personagens utilizam-se de seus antigos títulos de nobreza mesmo já estando na República), a menina virgem cuja educação é baseada nas prendas domésticas, música e catecismo: “[...] sobressaía na sua simplicidade de trajar e encantava pela reconhecida bondade angélica e singeleza do todo” (SABINO, 1999, p. 127). É caracterizada como uma pessoa boa e muito educada, que alegrava a vida de seus pais por sua maneira alegre de ser. Trata-se da típica mulher educada para o casamento. Sua educação era restrita ao que o pai considerava adequado para uma mulher, como se vê no excerto a seguir: “Com referência à educação, não a deram à filha nem muito à antiga, nem muito à moderna [...]. Era afável, muito alegre mesmo e educada com suficiente instrução para não parecer tola. O barão não quis que ela tivesse mais estudos pelo motivo de não gostar de mulheres eruditas” (SABINO, 1999, p. 117).

Através da caracterização de Angelina, percebe-se que a primeira forma de restrição imposta à mulher, no período oitocentista, advinha do seu próprio lar, de acordo com a educação recebida pelos pais. A personagem em questão tinha acesso a pouca diversidade de leituras, as quais, dentre elas, encontravam-se, em sua maior parte,

textos bíblicos. O não permitia que a filha pegasse em nenhum de seus livros, considerados inadequados para uma mulher ter acesso.

Com Angelina, Sabino traça o perfil da mulher educada sob os moldes de sua época e que se comporta como tal. Afinal ela não questiona a educação recebida pelos pais, aceita passivamente que o casamento será seu único destino e faz planos sobre sua vida de casada com seu futuro esposo (o qual se trata de Hermano). Ocupa seu tempo com a cozinha e ida às missas. Ela é caracterizada como a mulher perfeita para se casar com Hermano, seu primo, cujos bens seu pai gerenciava.

Mal vista pela sociedade carioca, na segunda metade do século XIX, por não seguir exatamente o que se preconizava, é a personagem Matilde, a qual é caracterizada por Inês Sabino como a mulher casada não adepta à normatização do ser mulher, visto que ela, apesar do matrimônio, ia de encontro a esse status. Adepta às festas, aos saraus – ocasião em que manifestava seus dotes artísticos – gostava de exibir seus atributos físicos a fim de manter os homens aos seus pés. “Posto que o trabalho [...] a não divertisse, cultivava o piano e sobretudo o canto. Era grande a roda que atraiu, a ponto de, com algumas leviandades, o seu crédito haver em pouco tempo sofrido bastante na sua base, derruindo-o uma fama que nem sempre era certa”. (SABINO, 1999 p. 209).

Os amigos da família riem do médico Alencastro por ele ser casado com Matilde e não cuidar da virtude dela, como se ao marido coubesse “domar” a esposa para que ela haja conforme as regras sociais. “– Quem a governa são os nervos...” (SABINO, 1999, p. 136), diz um senhor, amigo de seus pais. Segundo eles, Alencastro é muito condescendente e permite que as vontades de sua esposa sejam satisfeitas. Dizem até que é perdoável que ela se comporte como tal por ser uma mulher doente, histérica. Assim, seu esposo era sempre ridicularizado quando se reuniam com amigos e conhecidos, sempre a defendendo dos comentários maldosos, como se percebe no excerto a seguir:

Sem reserva, o então bacharel contou que ela sofria no seu crédito de senhora, que se salientava por qualquer predicado, falando os desocupados mais do que ela dava razão, devendo perdoar-se-lhe certas leviandades pela sua compleição de neuropatia, mas que amava o marido, porém sem esses esgares de ternura que não persistem em certos caracteres ardentes, mas inconstantes. (SABINO, 1999, p. 90)

Como se pode notar, as pessoas (homens, de modo geral) tratam Matilde como uma pessoa doente, como se o fato de não se encaixar na conduta de mulher/esposa ideal fosse um problema de saúde. Embora seu esposo lhe defendesse, não faltavam comentários que a depreciassem. Nesse sentido, a fim de procurarem explicações para tais atos, atribuíam-na o diagnóstico de histérica, este que também era tratado pelos médicos ante a qualquer anormalidade nas condutas femininas. Isso ocorria com frequência, principalmente no século XIX, cuja doença estava mais ligada ao sexo feminino e era bastante estudada pela ciência e, conseqüentemente, posta em cena pelas obras de ficção. Seu histerismo é atribuído por ela desviar dos padrões estabelecidos para a mulher, pois ela seguia, muitas vezes, seus próprios instintos, não se importando com julgamentos de valor. Ela tem um final trágico, adquire tuberculose e morre nos braços de Hermano, por quem ela dizia estar apaixonada.

Ofélia é a terceira personagem cujo papel no enredo é bastante decisivo para o desfecho de toda a narrativa. Seu nome de batismo é Antonieta e ela é oriunda de família de poucas posses. Por esse motivo, ela foi levada pelas conveniências sociais, e, principalmente pela família, a contrair matrimônio, aos dezesseis anos, com o rico comendador Bernardes, homem bem mais velho que ela. Consoante aos seus sentimentos quanto ao matrimônio arranjado, a narrativa descreve como a natureza se encontrava no dia marcado para o casamento, como se tudo ao redor da noiva se compadecesse, fato perceptível no seguinte trecho: “A instâncias da família, aceitou a corte do comendador Bernardes, rico capitalista, marcando-se o consórcio para o dia dez de junho, que amanhecera úmido, pesado e triste.” (SABINO, 1999, p. 99, grifo nosso).

O episódio do casamento de Ofélia é descrito com muita sensibilidade e protesto contra as normas de conduta em que as mulheres eram submetidas, além de retratar seu sentimento de tristeza por ter que ceder às exigências que a sociedade impunha e não poder retroceder diante da decisão, sob o risco de manchar seu nome e o de sua família. O excerto a seguir retrata o estado de espírito da noiva:

E a alma, ao mando do império psicológico, emudeceria, em razão da responsabilidade assumida ao ceder às leis das exigências sociais, calando-se, empedernindo-se, sepultando-se no pélagos das conveniências, quando não o mundo, a moral, a família, os filhos, o marido, a apontariam como adúltera, como uma barregã, desbragadamente ruim e perjura, se destruísse com o menor gesto ou ação o concerto que à roda de si havia se formado. [...] Ao dar o sim

sacramental, chorou. Casava sem amor, somente para satisfazer a família [...]. (SABINO, 1999, p. 101)

Ofélia sofre diversos percalços ao longo da sua vida, dentre elas destaca-se o abandono pelo marido, deixando-a grávida e sem nenhum recurso para sobreviver. Sozinha, Ofélia vê-se levada a trabalhar para se sustentar, pois seus pais, além de não serem afortunados, haviam sido prejudicados pela falência do comendador. Ela consegue se manter dando aula de piano e, meses depois, conhece uma família de ingleses (constituída por uma senhora e seu filho) a qual é responsável por uma virada de rumo em sua vida. Ofélia e o inglês se relacionam, apesar da reprovação desse envolvimento não previsto nas normas sociais, tendo em vista ser ela uma mulher separada. Por esse motivo, eles decidem morar na Europa, onde ninguém conhecia seu passado, logo depois da morte de sua filha (de complicação intestinal) e da mãe do inglês. Porém, seu amigo falece, deixando toda a sua herança para Ofélia, que decide retornar ao Brasil, mas adotando o nome de Ofélia. Ela passa a participar da vida cultura da cidade do Rio de Janeiro, assumindo nova identidade.

Ao conhecer Hermano, eles se apaixonam e passam a se encontrar, porém a família dele – composta pelos tios, pais de Angelina – e os amigos o convencem a se casar com a prima, desfazendo-se, assim, a relação com Ofélia. Esta decide partir novamente para a Europa, mas, dessa vez, carregando o filho de Hermano em seu ventre. Mesmo ele tendo se arrependido de tê-la abandonado, ela não aceita reatar o relacionamento. O romance se encerra com “o triunfo da virtude”, como afirma Alberto Pimentel (1999), isto é, com o casamento de Hermano com Angelina.

Traçando um paralelo entre as três personagens de cada romance, Lorena assemelha-se, em alguns aspectos, a Angelina, por ser de família abastada, ser culta e virgem à espera de um casamento para se realizar pessoalmente. Já Ana Clara pode ser comparada a Matilde, visto que elas possuem comportamentos dissonantes em relação ao que a sociedade espera em uma mulher. Além disso, as duas têm o mesmo destino: a morte, que simboliza uma punição aos desvios de conduta praticados por elas.

De acordo com Torres (2013), Lia é a única dentre as três (Lorena, Lia e Ana Clara) que não está envolta simplesmente em ser feliz pelo amor, pois ela se envolve com a militância política e feminista, engajando-se em conquistar direitos para a sociedade. Essa personagem, de certo modo, possui algumas características que se

assemelham a Ofélia, figura enigmática que não está, necessariamente, à procura de um casamento, nem de ser feliz no amor, visto que ela abre mão de ficar com Hermano por ele estar de casamento marcado com Angelina.

Assim, conclui-se que ambos os romances, escritos por e sobre mulheres, expressam características femininas e seus conflitos em relação à sociedade em que estão inseridos em dado contexto social e cultural e são responsáveis por possibilitar ao leitor o conhecimento de características do momento histórico em que se passam as narrativas, bem como o funcionamento da sociedade no que tange à figura feminina.

Referências

Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>> Acesso em 06 de mar. de 2018.

CHORA, Dina Teresa Chainho. **Os romances de Lygia Fagundes Telles:** Uma tessitura narrativa na senda do humano. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa, 2014.

GOMES, Carlos Magno; LUCENA, Suênio Campos de (Orgs.). **Lygia Fagundes Telles entre ritos e memórias.** Aracaju: Editora Criação; Itabaiana: UFS, 2013.

OLIVEIRA, Ângela Francisca Almeida de. Fluxo de consciência, psicologia, literatura, teatro: um início de conversa. In: **Cena em movimento**, n. 1, 2009.

PIMENTEL, Alberto. Prefácio. In: **Lutas do coração.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 35-56.

SABINO, Inês. **Lutas do coração.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas.** 10. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

TORRES, Maximiliano. Configurações de gênero em *As meninas*. In: GOMES, Carlos Magno; LUCENA, Suênio Campos de (Orgs.). **Lygia Fagundes Telles entre ritos e memórias.** Aracaju: Editora Criação; Itabaiana: UFS, 2013.